

## ***Família, em versão nova***

*"Criei minha filha sozinha (que tem hoje 13 anos) e agora, que me casei novamente, tenho dois enteados: um de 10 e uma de 12 anos. Estamos todos morando juntos e uma coisa me incomoda demais: os filhos do meu marido foram criados com muita mordomia e não ajudam em nada pela casa, ao passo que a minha filha sabe até passar roupa! Temos brigado bastante porque reclamo disso e ele não faz nada para melhorar a situação. Parece que ele realmente não entende esse problema!"*

*– Márcia, Los Angeles.*

Pelo tom da sua mensagem, estou assumindo que o seu casamento é relativamente novo. Se for esse o caso, Márcia, não só você, mas o seu marido e as três crianças devem estar passando por uma fase de adaptação na qual vários questionamentos são levantados.

Uma família mesclada como a sua, fruto de um casal com filhos de relacionamentos anteriores (em inglês, uma *"blended family"*) passa pelo processo de criação da sua própria identidade, com novos hábitos e regras. Coisas que funcionavam para alguns, podem não funcionar para outros. Por isso a necessidade de uma redefinição de valores entre vocês cinco que, afinal, passam a fazer parte de uma mesma unidade pela primeiríssima vez.

Para que a sua nova família passe pelos desafios desse primeiro momento de adaptação, os pais precisam **jogar no mesmo time**. A primeira referência das crianças são sempre os pais e, se essa referência não for consistente e sólida os filhos procurarão referências **fora** da família: e isso aí é o que não falta. Então, Márcia, me preocupa um pouco o fato de você e o seu marido estarem "brigando bastante" sobre a questão das tarefas dos filhos, porque vocês precisam estar no mesmo time.

E como ser do mesmo time quando duas pessoas são diferentes? Quando se participa de um time, cada componente traz diversidade consigo mesmo, pois cada um teve a sua própria história. O que une os componentes de um time é o mesmo objetivo. Pense bem, se você e seu marido resolveram se casar, é muito provável que vocês tenham idéias, sentimentos, objetivos e filosofias de vida parecidos, não é? Tente lembrar dos valores, dos ideais e das experiências que vocês dois têm em comum. Definir o time de vocês pode ser o primeiro passo nessa fase de adaptação.

Se você e seu marido se dão bem e confiam um no outro, procure abordar a questão de forma menos emotiva e mais prática. Lembre-se de que pensar diferente não significa que um está certo e o outro, errado. Quando duas pessoas procuram uma coerência, elas podem puxar daqui, tirar dali e conseguir, no final, chegar a uma resolução que serve para ambas. Você parece

estar frustrada, Márcia, e diz que o seu marido não entende o problema. Será mesmo? O que é que ele precisa “fazer” para melhorar a situação? Será que, na sua percepção, a única alternativa é a sua? Me pergunto se, nesse seu momento atual, tem sido difícil enxergar o lado dele.

A idéia aqui é a de cada um chegar mais próximo da realidade do outro (de entender o passado do outro, de perceber as diferenças e, depois, botar tudo no papel e construir uma nova versão da família). Você está chateada porque a sua filha sempre ajudou nas tarefas domésticas e os seus enteados não querem fazer nada disso porque não estão acostumados. Você acha que eles precisam mudar. Já o seu marido pode achar que quem precisa mudar é a sua filha – que ela não precisa mais tirar o lixo, ou passar roupa.

Imagino que você, tendo criado uma filha sozinha, interprete o comportamento dos seus enteados de forma negativa. Você usou a palavra *mordomia*: você está se referindo ao padrão de vida deles anteriormente, ou está sugerindo que eles tiveram muitos mimos? Vamos imaginar uma hipótese aqui:

Vamos supor que o seu marido tenha tido uma vida financeiramente mais folgada do que você, e que ele tenha tido empregados domésticos. Considerando um cenário desses, será que “não ajudar nas tarefas domésticas” significa preguiça, má vontade, falta de responsabilidade? Como é que o valor “responsabilidade” era demonstrado na família anterior do seu marido? Será, talvez, que os filhos dele tenham mostrado que são responsáveis e prestativos de outras maneiras, como fazendo tarefas escolares, tendo respeito pelos outros, etc? Pergunte a si mesma se os seus enteados são capazes, por exemplo, de cumprir algo que se comprometeram a fazer. Será que passar roupa é a única maneira de se mostrar prestativo ou responsável?

Penso em outras questões que podem, ou não estar relacionadas a esse momento de adaptação da família: Caso o seu marido não seja brasileiro, há alguma dificuldade de comunicação, em termos de idioma? E os filhos dele, como é que estão lidando com a separação da mãe? Eles se sentem confortáveis com você, no papel de madrasta? E a sua filha, como está se sentindo vivendo com meio-irmãos?

Quando as crianças reclamarem dos novos hábitos familiares, seria bom considerar se essa reclamação é sobre o que há de novo, ou se é a saudade de um passado que não existe mais. Nesse momento, mesmo que elas sintam falta da versão passada das suas famílias, elas precisam ser amparadas emocionalmente por vocês dois: é de entendimento, motivação e amparo emocional que elas precisam, não de brigas, esculachos e críticas.

Não seria uma má idéia que você e seu marido avaliem o estado emocional das crianças nessa fase. Com paciência e empatia vocês podem abordar vários tópicos: “*Quanta coisa nova de repente na nossa vida, né, filho...às vezes te*

*bate saudade de quando a mamãe e o papai moravam juntos?”, ou “Eu sei que tem sido difícil dividir o seu espaço com (os novos irmãos), mas a gente tem tudo pra ser uma família muito legal, vai dar certo... E, se você quiser, de vez em quando podemos sair só nós duas, como nos velhos tempos.”*

Muitas vezes, Márcia, não temos uma solução imediata para um problema. A grande maioria dos problemas que precisamos resolver não são do tipo vida-ou-morte, eles não precisam ser resolvidos desesperadamente. Quando não estamos em estado de emergência, pensamos melhor: nossas ideias são mais claras, lógicas e coerentes com a nossa filosofia de vida. Você e seu marido poderão resolver essa e muitas outras questões se ambos tiverem **calma** – sem impulsividade, acusações, ou desespero. Quanto menos emoções fortes no diálogo de vocês, mais empatia vocês poderão demonstrar um para o outro. Se, depois de tentarem várias vezes, ainda assim as brigas continuarem, sugiro que procurem um terapeuta para ajudá-los nesse entendimento tão necessário, que servirá de âncora para a sua nova família. Boa sorte!

*Esta coluna não tem a intenção de substituir um contato terapêutico profissional. Ela foi criada como ponto de partida para discussões psicológicas e comportamentais. Mandem suas perguntas para o Cantinho do Divã através do e-mail: jacquelinemft@hotmail.com*